

# Sino Azul

N° 3 — 1961



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES

ANO XXXIV Nº 3 — 1961

CAIXA POSTAL 450  
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS  
EMPREGADOS  
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA  
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA  
DO ESPÍRITO SANTO



## NOSSA CAPA

Miyako Hatanaka, colega telefonista em Marília, Estado de São Paulo, no jardim do templo budista daquela cidade, exibindo um traje típico oriental.



Uma estrada de rodagem foi construída para dar acesso à torre de micro-ondas na Serra do Curral.

# RIO E BELO HORIZONTE LIGADOS PELA MICRO-ONDA

MAIOR RAPIDEZ NAS

COMUNICAÇÕES INTERURBANAS

ENTRE GUANABARA E MINAS GERAIS



A mesma torre vista de outro ângulo, em fase final de construção. Todos os esforços estão sendo empregados para a pronta inauguração das micro-ondas.

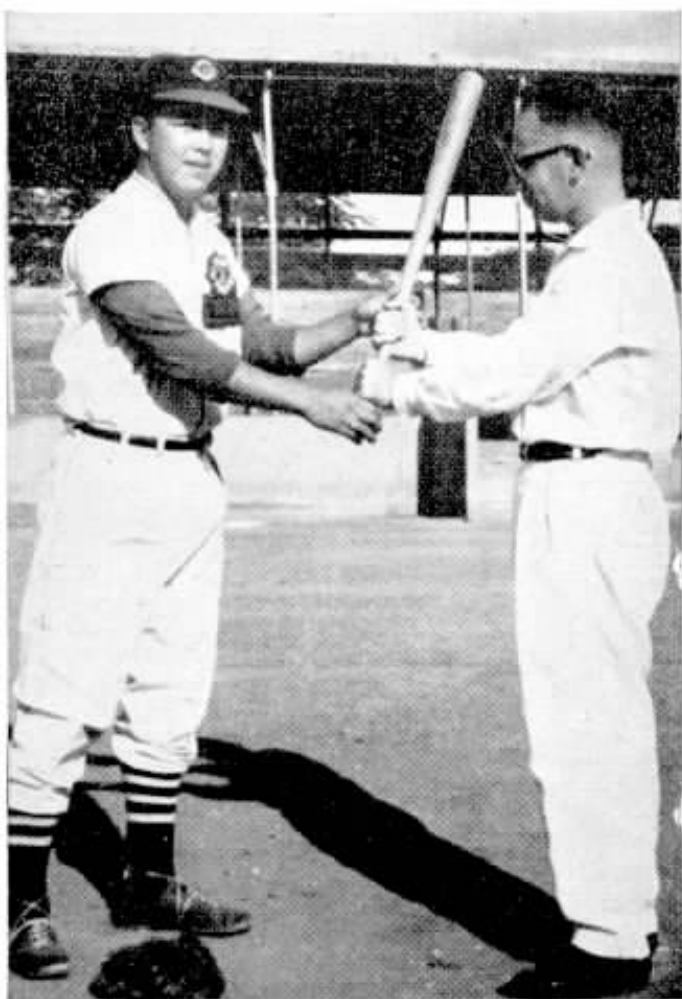
**S**ENSIVEL avanço será dado no serviço nacional de telecomunicações, com a breve inauguração do sistema telefônico, por micro-ondas, ligando o Rio a Belo Horizonte.

Grandes problemas de engenharia estão sendo paulatinamente vencidos, graças à competência técnica dos homens da C. T. B. e C. T. M. G. que, com esforço e determinação, têm prosseguido na obra gigantesca, enfrentando locais de difícil acesso e, lá, construindo os prédios destinados a abrigar o equipamento eletrônico das estações terminais e repetidoras. Técnicos das companhias nacionais e estrangeiras que forneceram o respectivo material, vêm prestando valiosa cooperação na execução do projeto.

Inicialmente, funcionarão cento e vinte canais, possibilitando outras tantas ligações simultâneas, mas a sua capacidade final é de três mil circuitos, o que virá aumentar em rapidez e melhorar em qua-

lidade, as comunicações telefônicas, em região de vital importância econômica para o país.

Cinco estações ao todo, ligarão o Rio com Belo Horizonte, através das micro-ondas, com duas estações terminais, em Petrópolis (Estado do Rio de Janeiro) e Serra do Curral, (Belo Horizonte), três intermediárias — Juiz de Fora, Barbacena e Ouro Preto, em Minas Gerais. As ligações serão completadas no seguinte percurso: Rio de Janeiro a Petrópolis, estação localizada no mórro da Bandeira, a 1.490 metros de altitude, pelo cabo coaxial; Juiz de Fora, estação repetidora recebendo de Petrópolis num lance de 104 quilômetros, no mórro do Sertão; daí para Barbacena, com a torre no mórro Montevideu; depois, Serra da Bocaina Negra e, finalmente, a torre de Serra do Curral, em Belo Horizonte, conjunto que dotará o Brasil do que há de moderno e perfeito, em matéria de telecomunicações.



Em Marília o esporte mais popular é o beisebol. Yoshio Takitani, um dos craques locais, ensina a manejar o bastão ao nosso colega Alcides Lopes.



Odete Ramos, telefonista, e Semiramis S. Muller, do Comercial, atentas às explicações do técnico, na estação de tratamento da água, em Marília, Sr. Levy Merighe.

## MARÍLIA

O grande número de japoneses e seus descendentes, em Marília, contribuiu para o florescimento do culto a Buda. No templo local,



EM 1850, Botucatu e Lençóis eram os últimos pontos conhecidos do Sudoeste paulista. O primeiro possuidor de terras, a oeste da então vila de Botucatu, foi o mineiro de Pouso Alegre, José Teodoro de Sousa que, em 31 de março de 1856, fêz, de acôrdo com lei em vigor, a declaração necessária à legitimação da posse, afirmando que a mesma se realizara em 1847, ficando assim, proprietário. só nesse trato de terras, de uma área de mais de 60 quilômetros de testada por 150 de fundos. Dono legítimo de tão grande patrimônio, José Teodoro tratou de povoar a terra. Entre os desbravadores que para ali foram então, achavam-se João Antônio de Moraes e Francisco de Paulo Moraes, intrépidos sertanejos que foram os segundos possuidores das terras vertentes do rio do Peixe, onde, hoje, se localizam a cidade e o município de Marília. A venda de glebas teve início e, entre os compradores, ressalte-se a situação de Emílio José da Piedade e Augusto César da Piedade que formaram a Fazenda dos Piedade do Rio Peixe, de acôrdo com as escrituras feitas em 25 de maio, 10 de julho e 4 de agosto de 1882, em partes ulteriormente pertencentes a diversas outras



As colegas Izide Pereira da Cunha e Odete do Amaral Sanchez, enfrentam uma descascadeira de amendoim, na fábrica Sasazaki Ltda., para diversão do técnico K. Shibuya.



O Marília Tênis Clube, expressão da terra, é o alvo do entusiasmo de nosso Chefe de Zona, Carlos A. Franchini, seu sócio-proprietário, na foto, à direita, com J. Emilio Costa, Encarregado Geral da Rede.

## SÍMBOLO DE AMOR E LIBERDADE

junto ao sacerdote Techu Haranaka e o oratório revestido de ouro, as colegas telefonistas Shizuko Oto e Doroti Tornioti,



Com trajes japoneses, de seus ancestrais, as colegas Fussae Shibuya e Miyako Hatanaka, dão-nos um flagrante de beleza, com as orquídeas de seu cultivo.



O monumento do Fundador, Sampaio Vidal, recebe a visita de Jeanete Pardo e Marlene do Carmo Viana, nossas colegas.



Marília terá, breve, serviço telefônico automático, cujo contrato para esse fim acaba de ser firmado, sendo adotada a fórmula do autofinanciamento. Na foto, Carlos

peças, terras essas que constituíram o patrimônio da Companhia Pecuária e Agrícola de Campos Novos, organizada em maio de 1914, e avaliadas à razão de 25\$000 o alqueire paulista.

Já anteriormente, em 1905, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado fizera o levantamento do vale do rio do Peixe, da foz do ribeirão Alegre até o rio Paraná, mais ou menos. Na altura do ribeirão Bonfim, abriu a Comissão uma picada, rumo noroeste, para o espigão divisor das águas dos rios do Peixe e Feio. Foi a primeira entrada em terras do Município. A Comissão verificou a existência de aldeamentos de silvícolas, nas cabeceiras do ribeirão Pomba, no atual perímetro urbano da cidade. Eram os índios Coroados. Mais ou menos em 1913, construído já um trecho da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o

José Antonio Torres, emendador da Rede, é famoso pelas suas invenções e pelas apreciáveis habilidades manuais.

governo do estado encarre-





Reus Fº assina o documento, assistido pelo prefeito Otavio Barreto Prado, à direita.

gou o coronel Antônio Carlos Ferraz de Sales, de abrir um picadão de 147 quilômetros, partindo da estação de Presidente Pena, hoje Cafelândia, na Noroeste, indo até Platina. Nesse tempo, a Sorocabana ainda estava longe, razão por que o ponto terminal do picadão ficou em Platina, ao invés de ir até uma estação de estrada de ferro. Foi este picadão, o maior fator de desbravamen-

Entre a gurizada da Associação Filantrópica de Marília, o Dr. Raul Pimazoni, Presidente da Câmara Municipal e da instituição considerada modelar.



Edison da Silva Lima, Encarregado no Departamento de Suprimentos, responsável pelo almoxarifado de toda a zona de Marília.



Joaquim Simões recebeu recentemente medalha de ouro: é o primeiro operário aposentado de Marília. Na foto, posa junto a sua filha, telefonista Shirley Simões, e Benedita Santos Ceube, telefonista chefe da próspera cidade paulista.





**José Vicente, apreciado colega, tem pendor para malabarista. E faz coisas incríveis como o prova com pesadas bolas de difundido esporte em São Paulo: a bocha.**

to da região. Ao abrir o coronel Ferraz Sales, esse picadão, teve a idéia de chamar seu amigo, o doutor Cincinato César da Silva Braga e mostrar-lhe as ricas terras que margeavam o picadão. Aconselhou-o, então, a comprá-las, o que ele fez, adquirindo 3.600 alqueires que, anos depois, vendeu a Bento de Abreu Sampaio Vidal e seus filhos.

A região tomou o topônimo de Alto Cafezal e passou a irradiar fama de Canaã. Levas de trabalhadores afluíam, concentrando-se no clarão existente em plena mata virgem, trazendo os primeiros sinais da civilização e progresso, em volta dos dez mil pés de café mandados plantar por Cincinato Braga.

Corria o ano de 1926. Ao lado de Alto Cafezal surgia novo patrimônio: Vila Barbosa. Depois outro, o de Bento de Abreu, considerado "o pai de Marília", o qual como que antevendo a formação da cidade de hoje na área de sua propriedade,

*(Conclui na capa 3)*

**Ao lado, no alto, Sonia Maria Moya, telefonista, numa das grandes fazendas de café da região, a Santa Carolina, Embaixo, Maria A. Soila e Marlene A. Silva, na mesma fazenda, fazem a colheita da preciosa rubiácea**





A alta mecanização da lavoura de Marília, desperta a adoração dos forasteiros. Tratores cruzam ruas e num vai Matilde Prado.



Fusako Ishio e Sebastiana Martelaro, aprendem a arte das flores com Yoshio Kajiva. Embaixo, Isaura G. Teixeira e Alice Bianchi, alunas do SENAC, iadeam o Sr. Vicente F. Silveira, seu diretor.



QUANDO A GARÓTA TRABALHA

Gentileza da  
revista GAROTAS

RETRATO DE ENI,

# ...telefonista

Texto de  
PAULO SALGADO



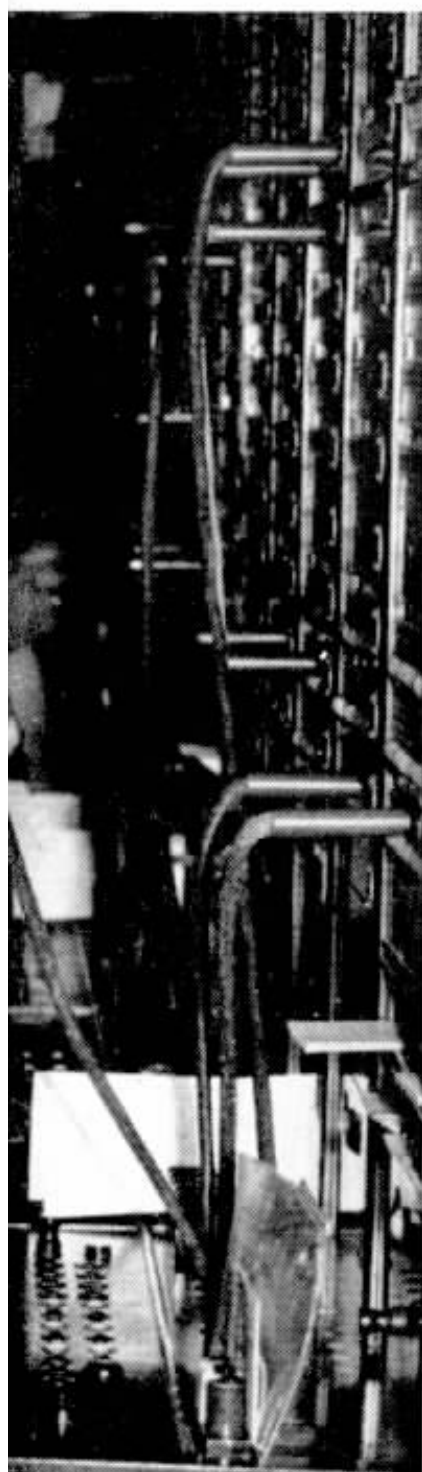
**N**ESTA série de reportagens que GARÔTAS vem apresentando, queremos retratar aquelas profissões que se apresentam às moças que, terminados os estudos, ingressam na vida com sua carga de responsabilidades e problemas. Na primeira da série traçamos (ou tentamos) o retrato de uma jovem professorinha com todos os seus planos de trabalho e projetos para o futuro. Focalizamos a seguir, a secretária.

Mas, às vezes, a "garôta" não pode nem mesmo terminar seus estudos em paz. A vida está pela hora da morte, e mesmo o mais extremoso dos pais, sente-se na contingência de concordar em que a menina da casa (ou as meninas da casa!) enfrente um trabalho que ajude a suavizar o orçamento, sempre tão carregado. Na procura de um trabalho decente, honesto e compensador surge, via de regra, a palavra "telefonista" na cabeça daque-

las que procuram uma função.

"Número, faz favor?!..." Aquêles de nossos leitores que pegaram ainda o telefone manual, lembram-se certamente daquelas vozinhas (às vezes ligeiramente antipáticas...) que nos ajudavam a alcançar números longínquos, quando o

Fotos de JORGE PETER



A telefonista Eni A. C. dá ao repórter suas impressões sobre a carreira. Suas palavras relativas ao tratamento que lhe dá a Companhia Telefônica Brasileira são as mais sinceras possíveis, mesmo para ouvidos descrentes como os do repórter.

O lugar onde a telefonista senta chama-se «posição». Os fones são leves e de uso exclusivo. Não pensem que as folhagens são para efeito de montagem fotográfica... não! O ambiente em que exercem sua profissão as telefonistas é quase que luxuoso... É, pelo menos, bem feminino.

(Continuação)

# ...telefonista

A telefonista-chefe está sempre atenta às necessidades de suas comandadas, dentro e fora dos trabalhos.



Terminado o horário noturno, a telefonista (caso queira ou não tenha companhia) pode pernoitar na CTB, que trata com carinho maternal suas funcionárias.



Talvez por influência do ambiente em que trabalha (um verdadeiro jardim), Eni habituou-se a viver cercada de plantas, tratando-as com grande carinho.

Rio não tinha estações definidas por números e sim: "Norte", "Sul", "Beira-Mar" e outras. Mas, depois, as moças telefonistas desapareceram de nossa paisagem diária... ou quase. O "quase" é por conta do interurbano. Mas isso de chamar S. Paulo, B. Horizonte e outras, não é coisa comum, dirão nossas leitoras!... mas Niterói e Marechal Hermes é!...



Quando escolhemos a telefonista como personagem de nossa terceira reportagem, tínhamos a idéia de procurar uma mocinha que exercesse a profissão em alguma companhia particular, mas, aos poucos, uma outra idéia foi-se cristalizando em nossos pensamentos: — se alguém desejasse retratar um médico, certamente deveria procurá-lo (de preferência) num hospital, cercado de seu ambiente natural, ao lado das mil e uma dificuldades que dão tanta beleza ao sacer-

dócio da medicina. Assim, por que não procurar nossa "Garôta Telefonista" na própria Companhia Telefônica Brasileira, que é (malgrado a intervenção) o berço natural destas cidadãs tão úteis e às vezes tão espezinhadas por nós, assinantes ou não?...

Nasce daí uma grande surpresa para o repórter, e uma agradável surpresa: o encontro de um ambiente de trabalho magnífico, limpo e onde o padrão técnico anda de braço dado ao padrão moral.

Na pessoa da irmã, Eni encontra uma grande companheira e amiga.



Refeições fartas e baratas, estão à disposição das telefonistas, vinte e quatro horas por dia, num bem aparelhado restaurante.

O papai estava viajando, mas mamãe, a mana e o garotão, resolveram servir de platéia para Eni, a acordeonista... — perdão! — a telefonista.





A hora da estudo é sagrada. A telefonista também precisa (e deve) manter a sua cultura em dia.

(Continuação)

## ...telefonista

A C. T. B., apesar da mecanização dos seus serviços, ainda emprega um número nunca inferior a três mil telefonistas. Estas estão todas localizadas (ou pelo menos em sua esmagadora maioria) no edifício-sede da Rua Alexandre Mackenzie.

Encontramos na C. T. B. moças usando o uniforme do Colégio Pedro II e fomos informados que a companhia admite-as num sistema de meio expediente (3 horas de trabalho) ajudando assim seus estudos num

amparo mútuo que produz os mais amplos resultados.

A segunda etapa da carreira da telefonista é a de "Telefonista Encarregada", cuja função é a de fiscalizar o trabalho de dez telefonistas. Depois vem a função de "Telefonista-Chefe-Assistente", e finalmente a "Telefonista-Chefe". Aquelas que tenham perseverado no serviço ativo, chegam a funções mais altas ainda.

Além das condições de higiene e segurança de trabalho exigidas pela lei, a

companhia oferece ainda, um amplo e confortável restaurante (no qual o repórter saboreou uma gostosa e copiosa refeição), o qual funciona vinte e quatro horas por dia (!) atendendo mesmo dentro da madrugada, aquelas que tenham necessidade de um prato de sopa, um sanduíche ou um doce que retempere suas forças, gastas em turnos de três horas cada um, atendendo pessoas de humores e... educação variados...

Logo na entrada do prédio em que funciona a "corporação", encontra-se um amplo vestiário. Ao início do dia de trabalho a moça recebe uma caixa de madeira e um cabide nos quais coloca a roupa que usa (caso queira) assim como seus valores; porém, dado o fato de todas as dependências serem servidas por um perfeito sistema de ar refrigerado e mantidas na mais escrupulosa limpeza, poderão trabalhar até com um vestido requintado, sem que isto prejudique sua produção.

A escolha da eleita para heroína desta reportagem, foi feita pela própria direção da C. T. B., com a supervisão de um simpático Sr. Afonso que é um verdadeiro pai e irmão mais velho, para aquela dúpla milhar de moças que trabalham sob suas ordens.

Eni A. C. tem dezoito anos. É pequenina (pouco mais que um metro e cinquenta e cinco), graciosa e loura. É uma menina ainda. Viva, inteligente e alegre.

Declarou-nos que entrou para a companhia atendendo sugestão de uma amiga que já é quase veterana. Encontrou em sua chefe mais do que uma superiora... uma amiga. Não pensa sair do emprego, ao con-



Em matéria de cozinha, Eni ainda está na fase do lavar pratos... sob os olhos vigilantes da mamãe, que não confia muito na pressa da «geração coca-cola».

trário, pretende postos mais altos, para isso dedicando-se com afinco à sua função. Talvez mais tarde, depois de completar seus estudos, queira trocar de pouso e abraçar uma carreira liberal, e acha que este será um dia de tristeza, pois adora seu trabalho e suas colegas.

Tem noções de estenografia e datilografia e o curso ginásial completo.

Seu perfume favorito é "Ma Grife"; sua côr predileta o branco, e a música "A noite de meu bem", embora declare terminante que não possui nenhum "bem" à vista.

Seus artistas favoritos são Gregory Peck, Marlon Brando e Paul Newman entre os homens, e, entre as mulheres, Susan Hayward, Jennifer Jones e Deborah Kerr.

Sinceridade e firmeza de caráter são as qualidades

que mais aprecia nas pessoas, sendo que para os homens exige ainda bondade, e discreção nas mulheres.

Não suporta falsidade, nem de brincadeira.

Adora sua casa, que, ela faz questão de frisar, é um "lar" de verdade. Na pessoa de sua mãe encontra a melhor amiga, uma verdadeira companheira. A compreensão que existe entre o pai e a mãe é uma das coisas que mais lhe agrada; não cansa de admirar a constante ternura que existe entre os dois. Sua irmã é uma grande companheira e o irmão (o caçula da família) é cem por cento "lega!".

Enquanto o "éle" de sua vida não surgir, vai continuando a estudar, pois não tem a menor pressa de casar; aliás declara que, em vista do ambiente harmonioso de sua casa, será difícil para ela o dia da separação.

Eni, tal como suas demais companheiras de trabalho, não se importa de enfrentar um horário noturno na C. T. B., cuja administração (carinhosa!) providenciou para que as moças tenham um confortável dormitório, onde podem passar a noite, sem os riscos de enfrentar os perigos que são tão comuns nas ruas cariocas.

Você, leitora ou leitor de GARÓTAS, tenha um pouco mais de compreensão pela moça que o ajuda a falar com os entes queridos que estão em cidades longínquas, ou então a completar ligações importantes que farão crescer suas rendas e, portanto, seu prestígio e sua tranquilidade. Elas são jovens que lutam, que sofrem, que sentem às vezes, na voz daqueles que lhes pedem a ligação de um número, um drama, um sofrimento íntimo, às vezes

patético, e que sofrem um pouco estas vibrações.

Acontece por vezes que uma telefonista-chefe vê uma de suas auxiliares (as mais novatas sômente!) abandonar sua posição de trabalho em lágrimas... Foi algum perverso que, não compreendendo a impossibilidade de uma ligação ou a demora de sua realização, soltou nos ouvidos sempre decentes das moças telefonistas, um grosseiro palavrão. Tenha paciência, leitor ou leitora, quando encontrar dificuldade em ser atendido no seu primeiro pedido! Pode ser que no outro extremo da linha, sentada numa honesta banca de trabalho, prestando um serviço relevante à comunidade, esteja uma sua irmã, uma sua filha, ou mesmo sua espôsa, a mãe de seus filhos, e pode ser também que você tenha muita sorte, e aquela que o atendeu se'ja uma criaturinha doce e bonita... seja... Eni A. C., a TELEFONISTA! \*\*\*

Uma telefonista, por não ter contato com o público, não está na obrigação de trajar-se com grandes requintes de elegância. As roupas confortáveis, a saia e blusa, são as preferidas. Mas existem as festas, os passeios...





Aplaudida pelos colegas veteranos, Dulce C. Rodrigues, de 40 anos de serviço, recebe de B. J. P. Tancred, Superint. Geral da Rede, seu emblema. Na foto: Manoel R. Lage, Juracy Borges, Teotônio J. Pinto, Augusto B. Pinto, João V. Borba, Mario Gomes e Otávio S. Arêas.



## NO ESTADO DA GUANABARA:

**S**IGNIFICATIVAS homenagens foram tributadas aos veteranos do Estado da Guanabara, por ocasião da cerimônia de entrega de emblemas, representativos das várias etapas de tempo de serviço. Reunidos no salão do restaurante do edifício central, foram eles saudados pelos seus chefes e por inúmeros colegas que acorreram à festa para levar-lhes o testemunho do seu aprêço. Foram 213 companheiros os contemplados com êsses símbolos, representando 4.720 anos de trabalho na C.T.B. Após as solenidades, um "show" com números de música, canto e bailado abrilhantou a festa, rematada com um ótimo lanche.

Lourival Vasconcelos, Chefe de Normas e Métodos de Contabilidade, é outro veterano de 35 anos de trabalhos prestados à Telefônica.



Joaquim M. Saraiva, 40 anos de CTB, abraçado por A. G. Burnett, então Controlador Geral, Oswaldo Corrêa, Jayme Labuto e Leopoldo Ferreira, veteranos de 25 anos.



Maurice E. Gane, da Engenharia, 35 anos de CTB, ao lado do Dr. J. A. Wiltgen, Engenheiro Chefe.

## COLEGAS RECEBEM SÍMBOLOS DE TEMPO DE SERVIÇO



Zilah da Silva Vargas, Telefonista-Chefe, no centro, e Elza Muniz, Encarregada, do Tráfego, completaram 35 anos de serviços prestados à nossa Empresa. Gastão Vaz, Superintendente da Divisão, saboreia um cafêzinho, em companhia das dedicadas veteranas de seu Departamento.

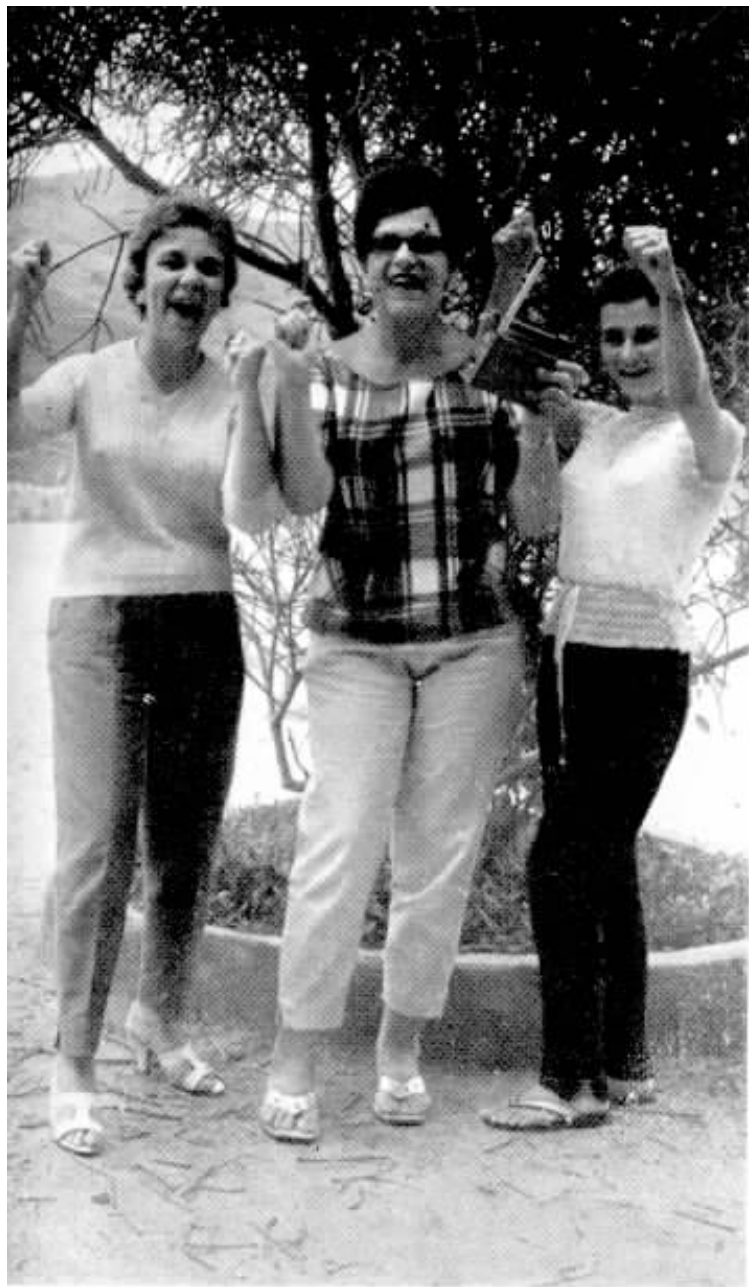


Ouvir boa música foi também o passatempo predileto da colega Lídia Santos Bezerra.

Não houve protocolo no almoço servido ao ar livre. Farto e apetitoso churrasco.

Ponto culminante da festa: Diva M. Silva é coroada rainha por Armando M. Santos, ladeada pelas princesas Ivone Moraes e Suely Chagas. Atrás, Francisco R. Valente e João Guimarães.





Mesmo distantes, não deixaram de torcer pelo seu clube favorito e vibraram com o gol conquistado.



Este trio foi surpreendido pela nossa objetiva.



O colega Raphael, ao violão, é o diretor do conjunto que deleitou a todos com a sua música.

## COLÔNIA DE FÉRIAS GRAHAM BELL TEM SUA RAINHA

### Diva Monteiro da Silva a eleita

**N**O concurso promovido pela comissão diretora da Colônia de Férias Graham Bell, composta de Armando M. Santos, Francisco R. Valente e João Guimarães, para eleger a primeira rainha daquele aprazível recanto de férias, foi vencedora Diva Monteiro da Silva, da Guanabara. Interessante e bem organizado programa de festejos, cheio de atrativos, foi levado a efeito em Francisco Frágoso, para a coroação da rainha, ao qual compareceram as duas princesas, Ivone de Moraes e Suely T. Chagas, respectivamente, da Guanabara e de Campos, Estado do Rio, bem como todas as participantes do certame. Nessa oportunidade, foi inaugurada a Capela de Nossa  
(Conclui na capa 3)

Capela : inaugurada com a pregação do Pe. Lidio.



# O TELEFONE TOCÔU!

Conto de Lêdo Ivo, escrito especialmente para «Sino Azul»

POSSO AFIRMAR, sem receio de contestação, que estava dormindo quando fui nomeado ministro. Sucedeu comigo o contrário do que acontece com os ministros que, indo para o sono na plenitude de suas funções, acordam demitidos. Não adianta pôr os óculos para ler a notícia do matutino funesto: lá está a demissão em letra de fôrma, e o telefone soa, imp'acável, de instante a instante.

Dormi gripado, tendo até tomado um comprimido ao recolher-me, e acordei ministro de Estado. Digo assim porque me encontrava ressonando e o decreto de minha nomeação já fôra assinado pela mão incansável do presidente da República. Sei que há várias versões sôbre o fato; an-

daram espalhando que fui acordado no meio da noite e, pondo às pressas uma roupa qualquer por cima do pijama, acorri ao palácio, onde o Presidente me esperava. Também disseram que eu estava numa "boite" quando fui avisado de que a posse seria às nove horas. Houve ainda quem garantisse que, ao atender o telefonema do Presidente, julgara ser troto e desligara.

Nenhuma dessas versões tem cabimento. Eu estava dormindo e Jandira, minha mulher, saíra cedo para ir à feira, quando Teresa, a empregada, bateu à porta do quarto e me chamou, despertando-me sem custo, pois tenho o sono leve. Estavam me chamando ao telefone.

— E' do Palácio, doutor Bartolomeu.

Um telefonema do palácio é ao mesmo tempo uma coisa preciosa e vaga. Pode ser um dos numerosos sub-chefes ou assessôres da Presidência ou um contínuo pedindo um favor qualquer. Muitas vezes, o interlocutor não está absolutamente em palácio, mas em casa, de pijama, e cita o local de seu ganha-pão para ser atendido mais depressa.

Meus pés procuraram cegamente os chinelos.

— Disseram que é o Pre-

sidente que quer falar com o senhor.

Desapareceu de mim qualquer sobra de sono mais ousada, e havia razões para isso. Desde o dia da posse que o Presidente não falava comigo. E' verdade que fui a palácio várias vezes, mas não conseguia abordá-lo. Dir-se-ia que todos, ali, se tinham unido, num pacto, para barrar-me os passos. Até o Rangel, que antes me pedia dinheiro emprestado, asseverava, com um ar compungido, ser de todo impossível conseguir um encontro para mim. Mas eu estivesse certo de que o Presidente não me esquecera e me chamaria. E verberava a conduta dos partidos que não queriam libertar o homem, e pareciam cães disputando um osso. "Cada um quer uma



fatia do bôlo”, acrescentava Rangel, as pálpebras caídas, olhando penalizado um grande mapa do Brasil, pendurado na parede de sua sala de vago assessor presidencial.

Um dia, queixei-me a Renato, antigo companheiro da Constituinte, e ele me explicou como conseguira falar ao Presidente. Sabendo que este ia inaugurar uma fábrica de vidros em São Paulo, tomara um avião e comparecera à solenidade. Só assim conseguira conversar com ele alguns minutos, o suficiente para arrancar a nomeação prometida. E adiantou que esse expediente estava sendo adotado por vários dos nossos correligionários, que, tendo gasto até dinheiro do próprio bôlso durante a campanha, se viram postos de quarentena pelos espertos que cercaram o Presidente após a posse. A verdade é que ele ignora a conspiração instalada em palácio, e que tem como objetivo afastá-lo de seus verdadeiros e fiéis amigos. E' um santo homem.

Ao pôr o telefone ao ouvido, notei que minha gripe fôra embora. E para sempre ignorei se já amanhecera curado, ou se o telefonema presidencial era, no caso, medicina mais enérgica do que cálcio na veia.

Escutei a voz frágil, quase feminina, do Nicanor. Só depois veio o Presidente.

Não sei se algum dos leitores já foi nomeado ministro de Estado. Se o foi, para qualquer pasta, deve ter experimentado a sensação que me cumulou. Se não o foi, mal que não desejo a ninguém, será difícil narrar-lhes o que sucede. As têmperas latejam, temos a impressão de que vamos tem um enfarte no miocárdio, mas a opressão desaparece, de súbito; sen-

timo-nos como se acabássemos de fazer os pés, e o calista estivesse passando certa pomada em nossa pele e ativando o sangue dos artelhos por meio de massagens ao mesmo tempo doces e vigorosas. Parece que, de repente, a vida se amplia como a tela de um cinema, onde vai ser projetado um filme em cine-mascópio.

Estava nomeado ministro. De tudo quanto o Presidente me dizia, só isto possuía, para mim, significado real. Dir-se-ia que eu, prêsas de vertigem, me agarrava a um corrimão para não cair de uma alta escada. Esse corrimão era o Ministério.

— O ato já está lavrado.

Aparecia a presteza do Presidente.

— Meu caro ministro, estou à sua espera — completou, com um tom brincalhão e afetuoso na voz.



— Irei imediatamente, Presidente — retorqui, resolutos e transbordante de felicidade.

Mal desligara, e o telefone soou novamente. Era o Arquimedes, que dias atrás fingira não me ver à porta do Jôquei, que se apressava a felicitar-me. Vinguei-me: disse que, a rigor, não poderia aceitar-lhe o abraço. O Presidente



me convidara (exato), mas ainda não dera a resposta. Teria antes uma entrevista em palácio.

Deixei o telefone fora do gancho. No banheiro, enquanto fazia a barba — e minha mão tremia um pouco! — avalei que, por maior que tivesse sido o sigilo que precedera a escolha e nomeação, o certo é que a notícia já estava em tôda parte. E observei que Jandira não estava ali para compartilhar de minha alegria. Discutindo o preço de uma cenoura ou segurando um pé de alface, ela ignorava ainda seus privilégios: o carro oficial, os chás, o patrocínio das festas de caridade, as recepções nas embaixadas. Com algum frêmito de temor, logo contido, pensei nos vestidos novos que teria de comprar-lhe.

Debaixo do chuveiro, pus em ordem o espírito e encontrei certa lógica para minha nomeação. Enquanto me enxugava, percebi que fôra uma fatalidade. Para solucionar a crise política, o Presidente só dispunha, efetivamente, de uma saída — nomear-me. Atendera à reivindicação das bancadas do Nordeste, que reclamavam um ministro nascido no Polígono das Sêcas; assegurara o apôio do meu partido, que amea-

va desligar-se da maioria e ter uma ação parlamentar independente; e apaziguara o impaciente Moreira Lemos, governador do meu Estado.

Senti-me providencial. Se eu não existisse, a crise política teria continuado. Sem falsa modéstia, eu era uma "reserva moral" do governo.

Recordo-me confusamente de que tomei café às pressas — em verdade não sentia a menor fome — e deixei um bilhete para Jandira. Assaltou-me estranha pressa em chegar ao Palácio. Voltei ao telefone, abri o caderno de endereços, telefonei para o ponto de táxi. Do outro lado da linha, o "chauffeur" perguntou: "Para onde vai?". Impávido, respondi-lhe: "Para o Palácio do Catete". Sentia-me imensamente ministro.

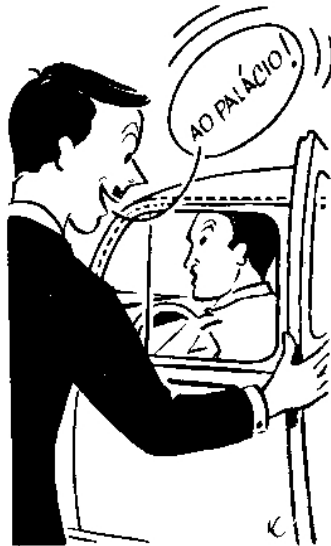
Ao sair do elevador, iam entrando um fotógrafo e um rapazinho, decerto repórter. Era para mim, sabia, mas me mantive quieto, não desejando ser reconhecido. Nada aconteceu e suspirei aliviado. Não deveria manifestar-me antes do encontro com o Presidente.



Ministro! E não dera um passo. Dormia, talvez ron-

casse, no momento em que o Presidente, de eliminação em eliminação, chegara ao meu nome e nele se fixara, feliz e aliviado.

O táxi já estava me esperando. Bendito telefone! Afundei-me no assento de couro gasto.



Ao dobrar a esquina, vi, no fundo de um carro, o gordo Teixeira. Acompanhei o veículo, que parou no meio-fio do meu edifício.

Não, ele estava muito enganado! Meus planos já estavam formados. Dinamizaria o Ministério, adotaria métodos racionais, cercar-me-ia de técnicos, extinguiria a burocracia emperrada.

Nesse momento, senti um lampejo de alucinação — era como se o ministro que sempre se aninhara dentro de mim estivesse viajando no carro, e eu me limitasse a acompanhá-lo. Imaginei-me dividido.

Nas calçadas, pessoas liam jornais. Pensei em mandar parar o carro e comprar um matutino. Mas para que? Estava indo para o palácio, ninho e fonte de tôdas as notícias.

A enunciação do meu destino não causara o menor efeito no motorista. Ele acelerara o veículo com

um ar enfasiado e rotineiro, como se eu lhe tivesse dito: "Vamos para Madureira". Ou então: "Me deixe na estação da Leopoldina".

O ministro olhou o mar. Um esquiador aquático abria nele um sulco de espuma. Lembrei-me de que, quando simples inspetor de ensino, lera uma composição bastante estranha. "Entre Rio e Niterói, ergue-se a frondosa baía de Guanabara". Aumentara a nota, chocado e deliciado. Havia alguma verdade naquela sentença — a vida era uma coisa estranha e bela. E frondosa.

\* \* \*

Antes de ir para o Ministério, uma semana após a nomeação, passei por uma chapelaria. Pela minha cabeça, começaram a desfilar inúmeros chapéus,



mas todos me desagradavam. Além do mais, o caixeiro que me atendera me desconhecia, ou fingia desconhecer-me. Meu coração pedia um chapéu que casasse a imponência com a elegância, a graça com a austeridade. Não me decidia, contudo, a citar o modelo, que era o "gelot" do prefeito.

Finalmente, surgiu numa caixa amarela o tipo desejado. Antes de sair e entrar no carro parado ostensivamente no meio-fio, vi-me ao espelho. Estava soberbo.

Os altos círculos não notaram a transformação. O líder da maioria, que me esperava no gabinete, foi logo ao caso das nomeações prometidas e não cumpridas pelo seu desatinado antecessor. Todavia, no olhar da competente dactilógrafa, do porteiro indolente, daquele oficial de gabinete que servia sem remorsos a todos os ocupantes da pasta, julguei ver um lampejo de malícia. Seria que êles me achavam desajeitado?

Nos raros instantes em que me acontecia ficar sôzinho no gabinete, eu examinava o chapéu, admirava-lhe o fêltro cinzento, macio como o braço de certas moças pestanudas, as abas viradas, o acabamento onde havia brilhos fugazes de sêda.

Numa daquelas tardes, saindo para o despacho, tive meu rosto iluminado pelo clarão de magnésio de uma máquina fotográfica. Ergui a mão até o chapéu, meus dedos tocaram na aba inglesa, senti a penugem acariciante do fêltro. Estava agradecendo a cortesia.



No dia seguinte, lá estava a reportagem malvada, cheia de perfidias, na primeira página do vespertino. E o repórter, após contar algumas anedotas e atribuir-me "gaffes" imaginárias, perguntava se, após a demissão, eu continuaria a usar aquêle chapéu.

Em breve, o "gelot" foi-se tornando assunto obrigatório de certos jornalistas desocupados. Meus desafetos, por sua vez, inventavam anedotas.



Uma noite, sonhei que estava dentro de um chapéu enorme, de copa virada para baixo. Minhas mãos agarravam-se às paredes daquela prisão circular, mas escorregavam num fêltro pegajoso como limo. Estava enjaulado para sempre. Chamava Jandira — ela estava patrocinando um chá em benefício das crianças órfãs de Jacarta e fingia não me ouvir. Teixeira, monstruosamente gordo, circulava, num automóvel, em torno do chapéu. E o Presidente, de vez em quando, me olhava como quem se debruça furtivamente sobre um muro. E telefones tocavam.

Acordei alagado em suor, meio sentado sobre a cama. Jandira, que despertara assustada com os meus

gritos, deu-me a explicação para o pesadelo: eu me excedera, no jantar ao embaixador da Turquia.

A possibilidade de vir a ser candidato a governador, as nomeações e remoções que me davam a impressão de acionar um teatro de títeres, os planejamentos, as festas, as adulações, tudo isto se esvaía, mudava-se em pasmo e suor. O telefone estaria tocando?

Tornei a dormir. Sonhei que, de novo criança, armara minha gaiola num galho da goiabeira do sítio e esperava que nela caíssem os cantantes sanhaços. Era meio-dia e o sol cegava-me.

Foi Teresa que me acordou. Eu estava sôzinho no quarto, pois minha mulher se levantara cedo, para ir à feira.

— E' do Palácio, doutor Bartolomeu.

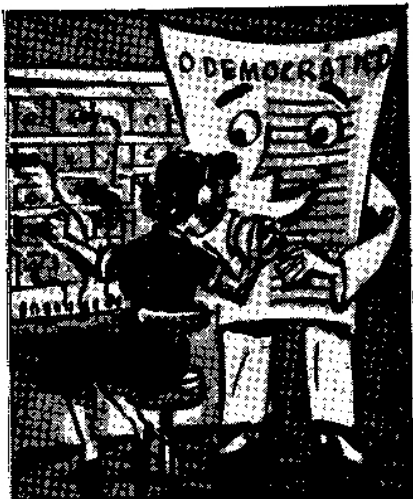


Fui atender. Era o Presidente, convidando-me para ser ministro. Em verdade, só agora é que eu estava recebendo aquêle surpreendente telefonema, que me vinha compensar da desoladora espera que me afligia desde a campanha eleitoral. Antes, tudo fôra sonho e eu jamais pusera na cabeça um chapéu de aba virada.

# O que dizem de **NÓS**

**B**EM servir é o lema de nossa Companhia. E seus funcionários esmeram-se no seu cumprimento, dando o melhor de si mesmos, certos da relevância do serviço que prestam à coletividade. Esta, por sua vez, reconhece amplamente esse esforço. A cada dia, chegam-nos provas eloqüentes desse reconhecimento, de que esta seção é prova.

## CARINHO COM TELEFONISTAS



Em Dois Córregos, cidade interiorana de São Paulo, circula o jornal "O Democrático". Num de seus últimos números encontramos laudatório artigo sob o título: "De nós todos para as telefonistas de Dois Córregos", no qual são tecidos os mais eloqüentes elogios ao pessoal do Tráfego que ali opera, sendo citadas nominalmente todas as telefonistas e, especialmente, Eugénia Mendes, Encarregada, e Francisco Diogo, reparador, "para que sejamos atendidos de acordo com a enorme tradição da Telefônica Brasileira".



## AMIGO DA CIDADE

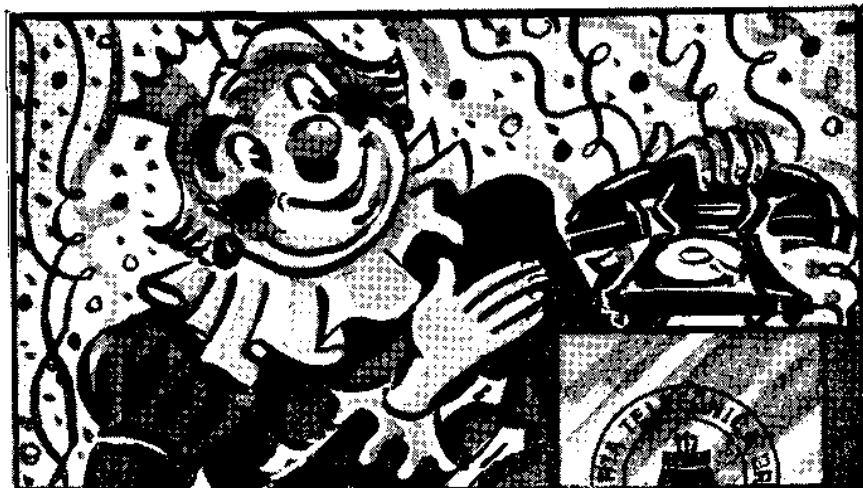
O jornal "Diário do Rio Claro", publicado na cidade paulista do mesmo nome, inseriu, há pouco, o ofício enviado pela "Sociedade Amigos da Cidade" ao Chefe da Estação telefônica local, Gastão Frotz Salles.

Nesse ofício, extenso e altamente honroso para a C. T. B. aquela Sociedade congratula-se "pelo ótimo serviço telefônico de que a nossa cidade hoje se vê servida, com aparelhos moderníssimos de acordo com os novos princípios da eletrônica".

"Não podemos deixar de destacar neste ofício, a dedicação e a delicadeza de todas as funcionárias incumbidas das ligações com o público (sempre exigente), e que sempre deram demonstrações de tolerância, educação e cavalheirismo no cumprimento dos seus deveres. Do mesmo modo queremos render os nossos mais sinceros elogios aos abnegados empregados dessa Empresa, aqueles que, madrugada adentro, ou ao sol a pino, vestidos com seus blusões de couro sob chuva inclemente, lá permaneciam "encarapitados" sobre os postes, em busca de defeitos de funcionamento, tudo isso numa elogiável demonstração de zelo pelo bem estar público".

## POLÍCIA E CARNAVAL

O Delegado Policial da cidade de Miracema, no Estado do Rio, Sr. João de Oliveira Albuquerque, encaminhou ofício à gerente do posto telefônico local, Sra. Elisa C. do Amaral, agradecendo a ampla colaboração dada pela Telefônica, principalmente nos dias de Carnaval.





### EFICIÊNCIA NO SOCORRO

Do Sr. Antônio Alexandre, diretor da Emissora Continental de Campos, Estado do Rio, recebemos ofício agradecendo os serviços prestados durante a calamidade das cheias do Paraíba, "quando encontramos eficiência e solidariedade em tôdas as horas, nos facilitando em tudo, sendo ainda a ajuda das mais proficuas que obtivemos no salvamento de dezenas de pessoas.

"Aceite Vossa Senhoria pessoalmente, e transmita a todos os funcionários indistintamente, nossos melhores agradecimentos."

### FORÇA DE PROGRESSO

De Avaré, São Paulo, o Sr. Mariano Rodrigues, pela Empresa de Auto Ônibus Manoel Rodrigues, oficiou à Companhia, nessa mesma cidade, para agradecer a valiosa cooperação. "Cooperação de muita valia, pois esta Empresa que colabora para o progresso de Avaré e cidades circunvizinhas, pode considerar o serviço telefônico através de suas amáveis funcionárias, colaboradoras para o engrandecimento de nossa Avaré."

### CALAMIDADE

Ainda a propósito das cheias do Paraíba, recebeu a C. T. B. da Empresa Fluminense de Energia Elétrica S. A., assinado pelo Sr. Antônio José de Miranda, seu Diretor Comercial, atencioso ofício datado da cidade de Campos, no qual diz: "Encontrando-me nesta cidade a fim de colaborar com a administração local da EFE na adoção de medidas visando amenizar os efeitos decorrentes do colapso de energia elétrica, que atinge sua população, venho agradecer e louvar a grande colaboração que temos encontrado por parte dessa Gerência, das senhoras encarregadas e telefonistas que tudo têm feito no sentido de facilitar as comunicações com a direção da EFE e outras autoridades na capital do Estado, graças ao que conseguimos coordenar uma série de entendimentos que possibilitarão, em horas próximas, remediar-se a situação".

### BANCO DO ESTADO AGRADECE

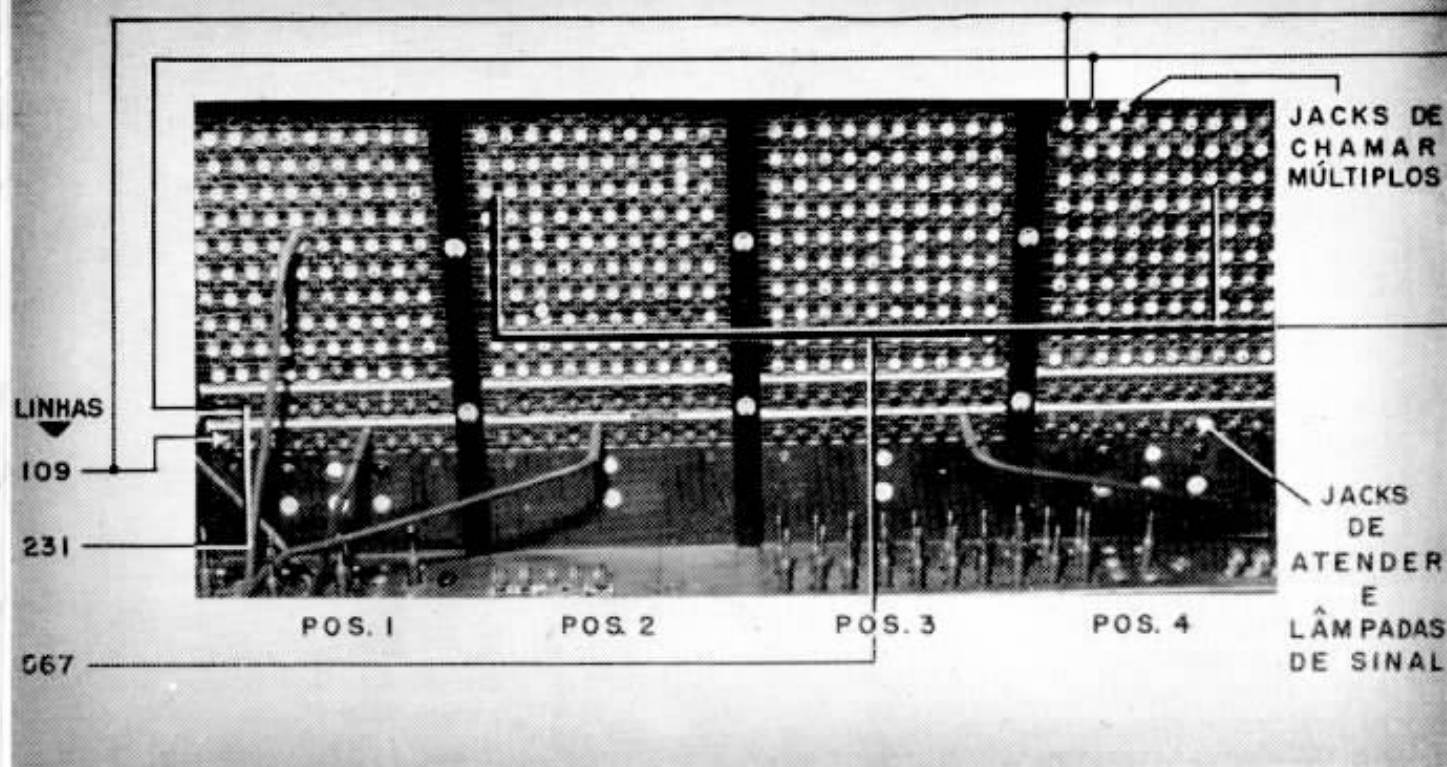
Do Sr. Vergílio de Carvalho, DD, Presidente do Banco do Estado do Rio de Janeiro, chegou-nos ofício que diz:

"Nos dias que precederam o falecimento do Exmo. Sr. Governador Roberto Silveira, as comunicações telefônicas deste Banco foram grandemente aumentadas, como decorrência do acontecimento que enlutou o nosso Estado.

"E, em que pese esse fato, teve o nosso estabelecimento de crédito seu serviço de intercomunicações perfeitamente atendido, com aprazo, presteza e solicitude, graças ao trabalho eficiente das funcionárias Yara Etchat e Laura da Cunha, respectivamente, Chefe e Encarregada do setor de Tráfego subordinado a essa Superintendência" (a do Tráfego da C. T. B.).



"E como as funcionárias em aprêço concorreram para que nossas comunicações de caráter oficial, fossem feitas de pronto e com lhanza de trato, desejamos consignar aqui, o procedimento exemplar de suas auxiliares."



## Como se processa uma ligação telefônica

Colaboração da Escola da Rede

COMO vimos fazendo há vários números de "SINO AZUL", damos aqui, mais alguns esclarecimentos sobre o processamento das ligações telefônicas, numa explanação das mais úteis e acessíveis a todos os nossos leitores.

★

Nas estações manuais, assim denominadas porque são providas desse tipo de equipamento, as ligações são feitas nas Mesas de Ligações com o auxílio de telefonistas.

Em uma estação manual local simples, todas as linhas de assinantes terminam em, pelo menos, dois "jacks" destas mesas de ligações.

O "jack" é uma peça engenhosamente idealizada, cuja função se assemelha à de uma tomada, que per-

mite a ligação rápida e cômoda da linha do assinante, por intermédio de um "plug" ou pega, como se vê no clichê da página à direita.

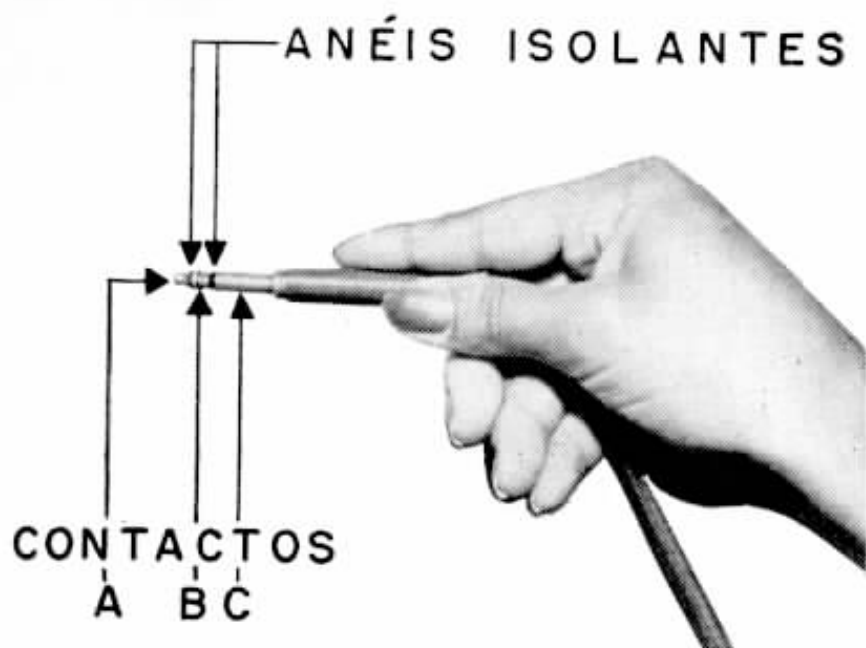
Um desses "jacks", denominado "jack de atender", pertencente a uma carreira ou tira de "jacks" idênticos situados na parte inferior do painel da mesa de ligações, possui uma pequenina lâmpada de sinal a ele associada, por meio da qual um assinante que deseja fazer uma chamada, consegue atrair a atenção da telefonista. O outro "jack", denominado "jack de chamar", é também montado em tira de "jacks" instalados na parte superior do painel da mesa e é utilizado, pela telefonista, para completar uma ligação para a linha deste mesmo assinante, quando estiver sendo cha-

maço por um outro assinante.

Cada telefonista, trabalhando numa mesa desse tipo, pode atender, em média, a cerca de duzentas linhas de assinantes para completar ligações.

Além desses "jacks de atender", podem existir, à frente de cada telefonista, até 3.300 "jacks de chamar". Estes "jacks" não têm nenhum sinal associado a eles e estão ligados em paralelo ou em múltiplo com outros "jacks" situados em painéis idênticos, localizados em algumas outras posições de telefonistas.

Cada telefonista terá acesso, desse modo, a cerca de 10.000 "jacks de chamar", considerando os "jacks" situados na sua posição e os de posições adjacentes à direita e à esquerda da sua.



Suponhamos que o assinante cujo telefone tem o número 109, queira chamar o assinante do telefone 567. Ao retirar o fone do gancho, este, ao se erguer, fecha um par de contactos, situado dentro do próprio aparelho, ao qual está ligada a linha, pondo-a em curto. Isto faz com que o relé de linha correspondente, na estação telefônica, provoque a ligação da bateria da estação à lâmpada associada ao "jack de atender" do assinante 109, na posição 1 da mesa telefônica, acendendo-a.

A telefonista, então, inserirá a pega de um cordão nêsse "jack de atender", associado à lâmpada acesa, fazendo com que a lâmpada se apague. Esta manobra permite, também, que ela entre em contato com o assinante 109, com o auxílio do seu aparelho de telefonista. Indaga do assinante o número do telefone que deseja chamar e, em seguida, introduz uma segunda pega, companheira da primeira, no "jack de chamar" número 567, no múltiplo à sua direita (posição 2), completando, assim, a ligação. A campainha do aparelho te-

lefônico do assinante 567 passa a ser acionada, com o auxílio de uma chave denominada de "toque", em alguns tipos de mesas e, em outros tipos, automaticamente, pela simples introdução da pega no "jack de chamar".

Um "click" de advertência evitará que a telefonista entre numa linha ocupada; ela o ouvirá, em seu aparelho de cabeça, se tentar inserir a pega em um "jack de chamar" que já esteja em uso em outro lugar no múltiplo.

Quando a conversação termina entre os dois assinantes, ao recolocarem os fones nos ganchos respectivos, duas lâmpadas denominadas "lâmpadas de fiscalização", situadas na mesa de ligações, junto aos cordões utilizados na manobra, acenderão, a fim de dar aviso à telefonista. Ela, então, deverá retirar as duas pegas dos cordões, desfazendo a ligação.

O que dissemos acima é, talvez, o mais simples exemplo de uma ligação telefônica, isto é, uma ligação entre dois assinantes localizados na área da mesma estação.

Quando uma cidade ou área for de tal tamanho

que exija mais de uma estação telefônica, a comunicação entre assinantes de estações diversas não poderá ser feita com o auxílio, apenas, de uma telefonista.

Nêste caso, a telefonista que atende ao assinante que chama, liga a sua linha a um circuito denominado "tronco", o qual interliga as duas estações. A telefonista da estação chamada entra no circuito e completa a ligação desejada.

Conclue-se, portanto, que cada estação telefônica deverá ser ligada a tôdas as demais estações, por intermédio de circuitos troncos, que são enfeixados, cada grupo, nos denominados cabos troncos.

Nas grandes cidades onde há muitas estações telefônicas, a interligação de cada estação com as demais, exige uma quantidade considerável de cabos troncos.

Assim, por exemplo, numa cidade com cinco estações, teremos necessidades de dez cabos troncos para interligá-las, isto é, o dobro do número de estações. Se houver dez estações, isto é, duas vezes, a quantidade anterior de estações, o total de cabos troncos será de quarenta e cinco, portanto, mais do que o quádruplo do número de estações, acarretando uma despesa considerável com a rede externa de cabos.

Em tais casos, torna-se muito mais econômico o emprêgo de uma terceira mesa de ligações, conhecida como "mesa tandem", instalada numa estação intermediária, adequadamente localizada.

Na página ao lado, mostramos uma mesa de ligações desse tipo.

Trataremos desse assunto, com mais detalhes, no transcurso da explicação sobre o Equipamento de Ligação Automático, que iniciaremos proximamente.



Diligente operária, especialista na montagem de centros automáticos da Siemens do Brasil.

# PRODUÇÃO NACIONAL DE EQUIPAMENTO TELEFÔNICO

Objetivando revelar o estágio em que se encontra a indústria nacional de equipamento telefônico, iniciamos, com este número, uma série de reportagens, através das quais poderá ser verificada a capacidade de produção das mesmas, patenteando que há de fato uma indústria especializada no país, apta a um desenvolvimento de grande interesse para o Brasil.

Essas fábricas, como é o caso da Siemens, alvo desta nossa reportagem, fabricam centros automáticos, PBX e PABX, telefones etc. e foram planejadas para se adaptarem à fabricação de grandes centros telefônicos de dez mil linhas, mas não se podem expandir, apesar disso, porque lhes faltam encomendas garantidas, a justificar os vultosos in-

vestimentos que seriam necessários a esse fim. Quando as companhias telefônicas tiverem rentabilidade segura que lhes permita assumir tais compromissos, a fabricação nacional terá o justo desenvolvimento para que está preparada, com o que poderá atender à demanda e resolver o problema no país inteiro, sem evasão de divisas.

Neste caso está a fábrica Siemens do Brasil, que iniciou as suas atividades fabris de artefatos telefônicos, em nossa terra, em 1905. E, portanto, organização experiente e tem capacidade para uma expansão imediata, podendo ajudar a resolver o angustiante problema das comunicações telefônicas que tanto aflige aos dirigentes de nossa pátria.



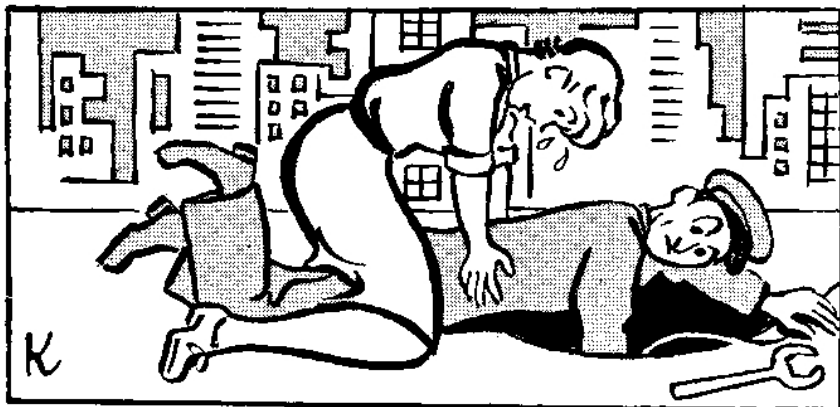
Vista parcial das linhas de montagem e controle dessa fábrica de material telefônico, situada no estado de São Paulo. São instalações modernas e funcionais, para bons especialistas.

Outro aspecto da montagem de centros automáticos PABX, na fábrica Siemens de S. Paulo.



# COISAS

que aconteceu...



UMA COLEGA de elevada estatura, completou um curso de socorro a acidentados e estava em plena euforia, doida por poder utilizar os seus novos conhecimentos.

Funcionária de nossos escritórios, não via como pôr em prática o que aprendera até que, um dia, ao sair da Companhia, viu um homem, deitado de barriga para baixo em plena rua. Imediatamente "sentiu" que o homem precisava de socorros. Correu, sentou-se sobre ele e passou a praticar-lhe respiração artificial: um, dois! um, dois!...

O homem, sob o impacto daquele pesado corpo, virou a cabeça e disse:

— "Olhe aqui, minha senhora, eu não sei o que a senhora está tentando fazer, mas eu sei o que eu estou fazendo... Desculpe-me, eu trabalho na Rêde e preciso tirar o fio desta galeria..."

\*\*\*

ESTA aconteceu com um de nossos cobradores. Nosso funcionário bateu a uma porta e apresentou a conta a uma criada, evidentemente

te do interior, pelo aspecto e pelo falar.

— Sabe se a sua patrão vai pagar agora?

— Uai! Intão não haverá de sê?, respondeu a servente.

Enquanto a servçal ia ao interior da casa, nosso colega preparou o trôco de Cr\$ 500,00, já que a conta era de quase isso.

Quando a criada voltou, trazia a importância que, de fato, era prevista. O trôco foi-lhe dado e ela, muito risonha e contente, comentou:

— Êta home inteligente! Adivinhou direitinho o dinheiro que a patrão tinha!



UM REPARADOR dirigiu-se a uma casa onde ha-

via um defeito no aparelho. Lá chegando bateu à porta. Uma pessoa olhou pelo postigo, ajustando óculos nuns olhos míopes e perguntou:

— Quem é?

— Telefone — respondeu o funcionário.

— Tem fome? Deus o favoreça! — respondeu a pessoa. E fechou o postigo.



MARTINHA FIGUEIREDO DA SILVA, jovem e conceituada telefonista, estava trabalhando calmamente, em sua posição, quando, repentinamente, ouviu uma voz cantar um anúncio comercial. Após demoradas pesquisas, verificou, com bastante surpresa, que se tratava de uma interferência num circuito de rádio.

\*\*\*

UM CIDADÃO procurou o Departamento do Pessoal e foi encaminhado ao Serviço de Seleção. Queria ser vigia da noite. O homem era pequenino, fraquinho e com ar de teimosia. O encarregado olhou para ele duvidosamente e disse-lhe:

— Olhe aqui, meu caro. Nós estamos precisando de uma pessoa que pense o pior de todo mundo; que durma com um olho aberto; alguém que tenha sempre ouvidos atentos para o menor ruído. Uma pessoa que seja grande, agressiva, intrépida e perigosa, sempre de mau humor. O tipo que, zangado, fica uma fera.

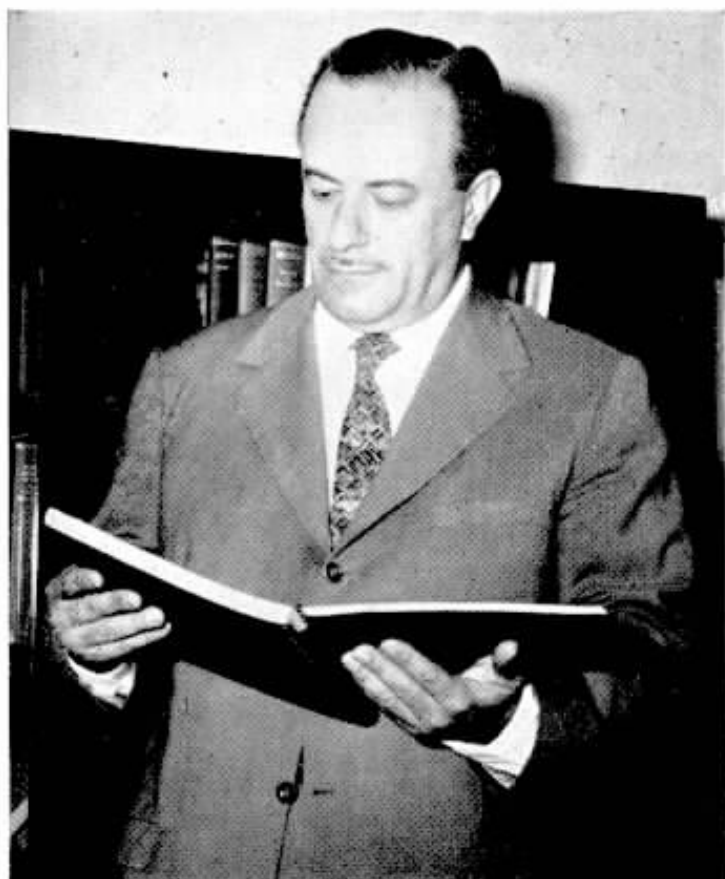
— Está bem, — disse o homenzinho resignado — vou mandar-lhes a minha mulher.

## COLEGAS PROMOVIDOS

Deixou a Companhia Telefônica Brasileira, onde vinha exercendo as funções de Controlador, desde janeiro de 1955, o Sr. Arthur George Burnett que vai agora ocupar cargo semelhante, na São Paulo Light S. A. — Serviços de Eletricidade. Tendo chegado dos Estados Unidos em outubro de 1950, foi então nomeado Assistente especial do Departamento de Finanças da Cobast, cargo em que se conservou até a sua investidura como Controlador da C. T. B. Foram vários anos de excelente convívio deixando agora, o Sr. Burnett, inúmeros amigos que vêm com pesar a sua transferência pela amizade que lhe dedicam.

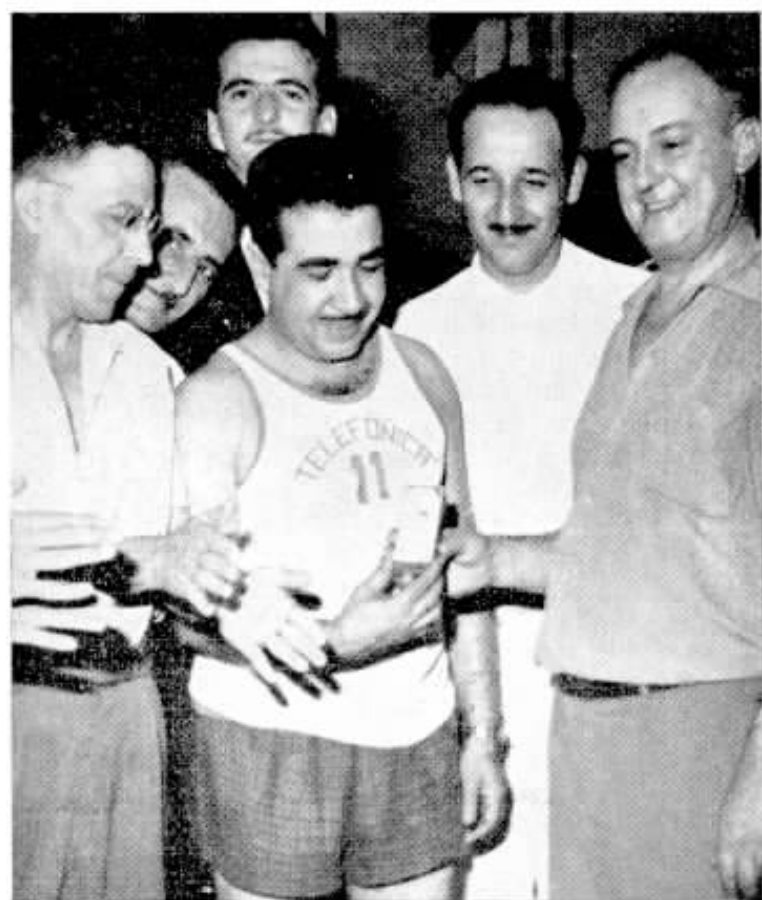


Eric H. Binnie, por sua vez, ascendeu ao posto de subcontrolador, após uma série de brilhantes demonstrações de capacidade, desde a Contabilidade da Rio Light até os sucessivos postos ocupados na C. T. B. desde 1948: assistente de contador; contador-chefe da Divisão da Guanabara, superintendente dos estudos da contabilidade e, agora subcontrolador, respondendo pelo Departamento Geral de Contabilidade nos impedimentos de Anselmo Patricio.



Anselmo Patricio é o novo Controlador da C. T. B., substituindo A. G. Burnett. Dê-se se pode dizer que é o homem certo para o lugar certo. Entrando a serviço da Companhia como auxiliar de escrita, em dezembro de 1924, em São Paulo, chegou a contador chefe nessa Divisão, em setembro de 1951. Em junho de 1954 era subcontrolador e, agora, Controlador. Um bom companheiro e um chefe dos melhores, eis Anselmo Patricio.





Zelly Gondá, da equipe carioca de boliche, recebeu delicada lembrança das mãos do diretor paulista desse esporte, Antônio Solitto.



Tendo ao lado, Chiavone Fonseca, diretor de futebol do clube telefônico da Paulicéia, aí aparece a valorosa

## O TAC, DO RIO, EM VISITA DESPORTIVA A SÃO PAULO



UMA delegação do Telefônica Atlético Clube do Rio, esteve em visita a São Paulo, onde teve a oportunidade de cumprir um grande programa de visitas e comemorações, organizado pelos colegas do Telefônica Clube paulistano. Na sede do T. C. foi oferecido um coquetel aos quarenta representantes dos guanabarininos, fazendo as honras da casa, Armando Del Papa, uma vez que se encontrava de férias Nelson Perroud, presidente do grêmio telefônico bandeirante.

Em seguida ao coquetel, os visitantes jan-

Antes do jogo, Carlos Edison Ribeiro, orientador da equipe de futebol do TAC, do Rio, deu instruções aos jogadores que, bem inspirados, venceram o prêmio por quatro a zero.



equipe que defendeu em seu próprio campo, as cores do T. C. bandeirante num jogo cheio de atrativos para todos.



O presidente do T. A. C., Ignácio Miranda, ofereceu o troféu disputado em futebol que acabou vindo para o Rio, com a equipe vencedora.

taram no salão de refeições da C. T. B., em meio à melhor atmosfera de cordialidade, pronunciando expressivos discursos Del Papa, pelo T. C. e Ignácio Miranda, presidente do T. A. C. do Rio. Na mesma noite efetuou-se o jogo de xadrez, ganho por pequena diferença pelos colegas paulistanos.

No dia seguinte, sábado, à tarde, no campo do T. C., jogou-se futebol com a vitória dos cariocas por quatro a zero, ante uma gran-

de assistência. À noite, efetuou-se também a partida de boliche, cabendo desta vez a vitória aos locais por u'a margem de quinhentos pontos. Digna de nota foi a festiva reunião realizada no recinto do boliche, com a confraternização entre visitantes e colegas de São Paulo, sendo oferecido então um coquetel e um "chopp-amigo".

O regresso da delegação carioca ocorreu no domingo.



Numa partida animada e bem assistida, Orlando A. Ribeiro (SP) enfrenta Cláudio B. Melo (Rio), à esquerda, que venceu com bom jogo.



Cariocas e paulistas pertencentes às duas entidades associativas do pessoal telefônico, confraternizaram alegremente no T. C.



## JUST HAMMERICH KOHMANN

**F**IGURA de prestígio entre os funcionários da nossa Companhia, Just Hammerich Kohmann, cujo falecimento repentino encheu de surpresa e pesar a quantos com ele tiveram o prazer de um bom convívio, deixa grande saudade, tais os seus dotes de espírito, simpatia e competência profissional.

Formado em engenharia elétrica, em 1925, na Noruega, Kohmann iniciou uma carreira de sucessos na International Telegraph and Telephone Company, especializando-se em equipamento telefônico. Após haver trabalhado na Espanha, veio para o Brasil onde se encontrava desde 1929, tendo ingressado na C. T. B. em 1934. Deixa viúva a senhora Kirsten Kohmann e dois filhos, Hugo e Anne-Karine. Notável pela sua jovialidade, Kohmann grangeou um círculo enorme de amizades.

## MARÍLIA...

(Conclusão da pág. 6)

reservava lugares para igreja, estação ferroviária, campo de futebol, jardins etc.

Bento de Abreu demonstrava acentuado amor pelo lugarejo e impulsionava seu progresso. Certa ocasião, viajando para a Itália a bordo do "Giulio Cesare", Bento de Abreu lia o livro "Marília de Dirceu".

Sabendo que a Companhia Paulista pretendia classificar as cidades de seu futuro trajeto ferroviário, após Piratininga, com denominações que representassem as letras alfabéticas iniciais, em ordem crescente, iniciando de América, Brasília, Cabrália, e assim por diante, e sabendo que a sua cidade teria que ter um nome iniciado por "M", visto que a anterior era Lácio, escreveu à direção da Companhia, sugerindo Marília, o qual foi entusiasticamente aceito.

Marília marchou aceleradamente desde então. O município foi criado em 1928, instalando-se o poder municipal em 4 de abril de 1929.

A Marília de hoje é um monumento à operosidade de sua gente. O aspecto físico-topográfico não apresenta elevações de grande relevância, apesar de ligeiramente acidentado. Seu clima, de modo geral, é quente e salubre. Constituinto um "intermezzo" dos rios Peixe e Feio, Marília está situada na parte ocidental da Serra dos Agudos. Sua temperatura varia entre 33 e 7 graus. Mais de trezentos estabelecimentos industriais existem em Marília, sendo que mais de uma centena emprega mais de cinco operários em média. Quase um milhar e meio de casas comerciais, conta a cidade. O

município tem perto de 2.500 propriedades agrícolas, com 21.250.000 cafeeiros produzindo e em formação. Arroz, milho, algodão, amendoim, mamona, mandioca e feijão, são outros produtos importantes para a economia local, com 45 mil hectares cultivados. Quatro milhões de litros de leite foram a produção do ano passado de seus rebanhos que contam com 47 mil bovinos, 3.200 caprinos e mais 70 mil galinhas, 60 mil galos e frangos, 22 mil suínos, 4.300 equinos, 2.000 asininos, 5.000 muares e 2.300 perus. A produção média anual de queijo é de 26 mil quilos e de manteiga de 30 mil quilos.

Marília possui cerca de 20 grupos escolares com mais de 8 mil alunos, uma centena de escolas isoladas com 3.500 alunos, oito cursos de jardim de infância, 30 escolas do município, nove particulares, três de comércio, seis ginásios, três pré-normal, seis cursos científicos, três técnicos de contabilidade, uma escola artesanal, uma faculdade de Ciências Econômicas, uma de Filosofia, Ciências e Letras, uma de enfermagem, dois conservatórios de música, dezenas de escolas de corte e costura, bordados, datilografia, línguas etc.

No município predomina a religião católica, sendo Marília sede de Bispado, cujo titular é Dom Hugo Bressane de Araujo.

Existem na cidade templos de diversos cultos religiosos, como budistas, espíritas, protestantes e outros.

Com enorme vida cultural, Marília possui três estações de rádio, uma de radiotelegrafia e cuida de sua população através de quatro hospitais, estando ali sediado o Instituto Adolpho Lutz para a erradicação da malária.

Com 32 anos apenas de

autonomia municipal, Marília é um magnífico exemplo de trabalho organizado e amor à terra, sendo a melhor a harmonia entre os nacionais e as colônias japonesa, italiana, portuguesa e siria, as maiores da região.

Com quase cem mil habitantes, Marília tem verdadeiros marcos da economia e desenvolvimento industrial do estado, como as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Anderson Clayton, Indústrias Zillus e outras.

Marília é uma das zonas do distrito de Bauru, dirigido por Mário Messemberg e tem como principais responsáveis pelas suas operações, Carlos Alberto Franchin, no Departamento Comercial; João Emilio Costa, Encarregado Geral, na Rêde; e Benedicta Santos Coube, Telefonista Chefe, no Tráfego. Oitenta funcionários da C. T. B. dedicam-se entusiasticamente em seus setores de atividade, a oferecer dedicado serviço de comunicações locais e à longa distância, cooperando no crescente e imprevisível progresso da terra que é símbolo de amor e liberdade, a terra que dispõe agora de 2.015 telefones instalados, completando u'a média mensal de pedidos interurbanos da ordem de 17.664 chamadas completadas.

---

## COLÔNIA DE FÉRIAS...

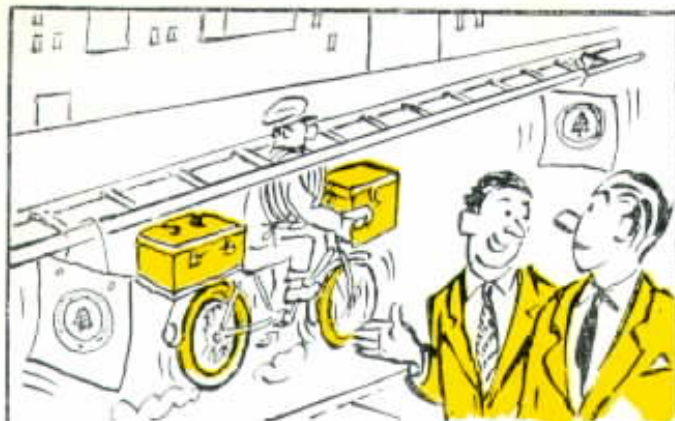
(Conclusão da pág. 17)

Senhora das Graças, construída na área da Colônia, sendo rezada a primeira missa pelo padre Lidio que, momentos antes, em prédica, entregara a capela aos fiéis. Após os festejos um suculento churrasco foi servido, seguido de animada tarde dansante.



# Sino Humor

através da imprensa mundial



- ... é que seu carro de reparos está no conserto !



- se nós inventamos esta droga de telefone, por que não fazemos isto trabalhar direitinho ?



- Não aguentei mais, seu guarda! Oito anos de espera na fila do telefone e ainda insistem em saber o meu número !! -



- Sabe, Carlos, na verdade me casei porque "cansei" um pouco de ser telefonista...



- Desde que ela ganhou o telefone, está tôda orgulhosa. Mostra o seu nome na lista a todo mundo...